Osvaldo Matsuda

A FENDA

São Paulo

Osvaldo Koji Matsuda

2021

A FENDA

Copyright © 2021 by Osvaldo Matsuda (Osvaldo Koji Matsuda)
O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor, proprietário do Direito Autoral.
Proibida a venda e reprodução parcial ou total sem autorização.

Capa, Diagramação e Revisão: Osvaldo Matsuda
São Paulo, 17 de novembro de 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matsuda, Osvaldo
A fenda / Osvaldo Matsuda. -- São Paulo, SP : Ed. do Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-34829-3

1. Ficção brasileira I. Título.

21-90095 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

COMENTÁRIOS

A fenda era intransponível, mas era a única saída possível.

Conseguir comunicação através da fenda seria a possibilidade de uma vida renovada.

Manter a esperança de sobrevida através da fenda.

O AUTOR

SUMÁRIO

Capítulo 1 - Carnaval 7

Capítulo 2 - Monstro 17

Capítulo 3 - Entorno 27

Capítulo 4 - Rotina 37

Capítulo 5 - Socorro 47

Capítulo 6 - Sorte 57

Capítulo 7 - Liberdade 67

Capítulo 8 - Despertar 77

Capítulo 9 - Realidade 87

Capítulo 10 - Contraste 97

Capítulo 11 - Alimento 107

Capítulo 12 - Momento 117

Capítulo 13 - Amigo 127

Capítulo 14 - Passado 137

Eu dedico aos que não encontraram uma fenda para uma nova vida, mas continuam na esperança de conseguir.

Capítulo 1- Carnaval

Corria. Era noite de carnaval.

O ano de 2020 gravado em sua mente. Cidade de São Paulo.

Os sons dos blocos carnavalescos se espalhavam pelas ruas. As pessoas se divertiam como podiam, embora já existisse um certo temor, ainda distante, de um perigoso vírus a caminho.

Parecia aquela alegria antecedendo tragédias. Era como se um asteroide estivesse vindo em direção ao planeta e nada poderia ser feito a não ser rezar. Então, muitos pensavam somente em se divertir. Deixar o amanhã para amanhã. Deixar os acontecimentos funestos para quando acontecessem. Era aproveitar os prazeres da vida enquanto houvesse vida. Importava somente o hoje. Importava somente a diversão.

Sons de sirenes. Podia ser uma ambulância ou uma viatura da polícia.

Corria a esmo se esbarrando nas pessoas que se divertiam. Empurrava e era empurrado, mas seguia em frente.

– Alguém me ajude!

Pedia ajuda.

As pessoas aglomeradas se divertiam.

A sirene continuava incomodando.

Alguns sons de buzinas.

As pessoas cantavam. Cantos carnavalescos atuais. Ritmos atuais.

Marchas antigas. Havia os velhos carnavalescos também.

Ruas reservadas para os foliões.

As pessoas fantasiadas se juntavam em grupos, a outros que ali já estavam se divertindo. Eram grupos de familiares. Pessoas do bairro ou próximos daquele distrito. Havia grupos de jovens que riam muito e espalhavam alegria pelo entorno. Eram dançarinos desajeitados. Havia os foliões profissionais. São aqueles que vivem para o carnaval e mantêm este patrimônio imaterial vivo. Porém, havia outros. Aqueles que estão sempre fora de sintonia.

– Alguém me ajude!

Corria pedindo ajuda. Continuava correndo como podia entre as pessoas.

Os carnavalescos continuavam dançando e se divertindo. Para eles era o que importava. No fundo, os carnavalescos são seres românticos que amam cantar o passado, vivem o presente como podem e almejam um futuro feliz. Em geral, estes carnavalescos vivem para ser felizes no carnaval.

– Alguém me ajude!

Sentia-se jovem, mas ofegava.

Este vírus, este mal-estar que rondava o mundo feliz era uma situação bem difícil de ser entendido naquele momento.

– Eu preciso de ajuda! Alguém me ajude!

O jovem falava arquejante. Até parecia que ia sofrer um desmaio.

Os foliões continuavam a sua diversão. Era uma noite de carnaval. O vírus! Que mal era este? As pessoas achavam que este mal não atingiria a todos. Afinal, um país com a maioria jovem, o que teria a temer em relação a um vírus?

– Eu preciso de ajuda!

– Não empurra.

– Eu preciso de ajuda!

– Não tenho dinheiro!

– Me ajuda!

– O que aconteceu?

– Eu preciso de ajuda!

– Sei.

– Me ajuda!

– O que aconteceu?

– Eu preciso de ajuda!

– Foi assaltado?

– Me ajuda!

– Tem um policial ali!

O jovem pareceu ir em direção indicada, no entanto continuou ofegante a correr pesadamente.

– Cuidado!

– Calma aí!

A corrida atabalhoada, quase em câmera lenta vai de esbarrão em esbarrão e de maneira intermitente.

Os foliões se desviando.

– Ei!

– Devagar!

– Olha onde pisa!

Pedindo atenção.

– Atenção!

– Olha a frente!

– Não empurra!

– Socorro!

Dando reprimendas.

– Sai fora!

– Covarde!

– Não corre! Aqui não é lugar!

Mas o jovem continuava a sua corrida desajeitado.

Num local de foliões bem agitados e compactados o jovem teve que desviar e sair por uma rua transversal. E logo encontrou uma rua paralela bem mais esvaziada de pessoas.

Novamente barulho de sirenes.

– Alguém me ajude!

O jovem voltava a pedir ajuda.

Aumentava a sua velocidade na corrida alucinada.

– Alguém me ajude! Eu preciso de ajuda!

Sirenes.

Corria pelas ruas, aparentemente, se escondendo de uma viatura da polícia.

Era só ouvir uma sirene ou vislumbrar uma viatura com as luzes coloridas, mesmo estacionado, que ele se agitava. Então, corria. Se desviava. Mas seguia sempre numa direção paralela imaginada.

E assim chegou próximo da Avenida Paulista.

Não sabia como chegara até ali.

Atravessou direto a Avenida Paulista quase sendo atropelado.

Conseguiu vislumbrar a placa da rua em que seguiria. Era a Rua Augusta.

O que estaria fazendo por aqueles lados? Não se lembrava. Sentia que a polícia estava na sua cola. A polícia no seu encalço não era novidade. O jeito era correr.

Correr alucinado pelas ruas alucinadas. Correr para fugir.

Às vezes, não sabia do que fugia exatamente. Fugia de si mesmo. Fugia da sua vida fugitiva. Fugia de seus amigos. Fugia de seus inimigos. Fugia de suas lembranças. Fugia de seu passado. Fugia de seu presente. Fugia de seus sonhos. Fugia de seus fantasmas. Fugia de suas esperanças. Fugia...

Enfim, fugir era o que importava.

Sentindo a polícia no encalço apressava os seus passos alucinados. Os passos que o levava para lugares que desconhecia.

Sentia medo. Sentia muito medo. Podia gritar na noite. Pedir ajuda.

– Alguém me ajude!

Ninguém atendia.

Pois era carnaval. Todas as loucuras eram permitidas, até as mais absurdas. As pessoas estavam se divertindo na noite quente de carnaval, estivessem onde estivessem, porque logo tudo se acabaria numa quarta-feira, de cinzas.

Um jovem alucinado correndo não era novidade.

As pessoas viam o que queriam ver.

Podiam ver um jovem desconectado da realidade. Ou seria um jovem saindo, já bem embriagado, de uma festa? Ou seria um jovem perdido num mundo de tantas possibilidades mensuráveis? Ou seria impossibilidades mensuráveis? Seria um jovem pedinte? Um jovem louco de afeto ou desafeto? Alguém perdido de uma outra localidade?...

Que importava para os foliões? No fundo, a maioria só pensava em se divertir. Se divertir! Que o carnaval é uma festa! Uma festa popular! Festa significa alegria para os foliões! Festa para afastar a tristeza da vida! A realidade somente depois da quarta-feira.

Um momento de pura farra. Carnaval é viver um momento sem angústia.

Ninguém se importava com alguém correndo angustiado em plena festa popular.

Assim o jovem continuou correndo e correndo pela Rua Augusta.

Logo, notou um portão de ferro aberto.

– Alguém me ajude!

Nenhuma resposta.

Entrou pelo portão.

– Alguém me ajude!

O ambiente interno estava escuro.

– Alguém me ajude!

Era um espaço em construção.

– Alguém me ajude!

Caiu em um vão.

– Alguém me ajude!